

Críticas à obra de Machado de Assis no calor da hora: consagração e polêmica

Valdiney Valente Lobato de Castroⁱ

RESUMO

Na segunda metade do século XIX, a obra de Machado de Assis ganhou popularidade por meio dos jornais em que era veiculada. No entanto, essa entronização não ocorreu sem contestações: nas páginas dos jornais oitocentistas há comentários de leitores, anúncios de venda, notícias de lançamento de livros e também crítica de leitores especializados que se debruçaram sobre as primeiras produções machadianas e, no calor da hora, tanto aplaudiram quanto criticaram essas publicações. Ao contrário dessas manifestações, a fortuna crítica construída acerca dos escritos machadianos tem, quase em sua totalidade, lançado suas impressões sobre os textos do autor, desconsiderando essas primeiras leituras. A análise de alguns desses textos saídos nos jornais oitocentistas é o objetivo deste estudo, que pode ampliar a compreensão acerca da recepção dos textos machadianos.

Palavras-chave: Machado de Assis; Jornal; Literatura.

ABSTRACT

In the second half of the 19th century, Machado de Assis's work gained popularity through the newspapers where it was published. However, this exaltation did not take place without controversy: on the pages of the nineteenth-century newspapers it was possible to find comments from readers, sales announcements, book launch news and also criticism from specialized readers who pored over the first Machadian productions and, in the heat of the hour, both applauded or criticized these publications. Contrary to these manifestations, the critical fortune on Machado's writings has casted, almost in its entirety, its impressions on the author's texts disregarding these earlier readings. The analysis of some of the texts published in the nineteenth-century newspapers is the purpose of this study, which can broaden the understanding about the reception of Machado's texts.

Keywords: Machado de Assis; Newspaper; Literature.

ⁱ Possui Mestrado e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente, cursa pós-doutorado na Universidade do Rio de Janeiro (UERJ).
valdineyvalente@hotmail.com

MACHADO DE ASSIS NAS FOLHAS DIÁRIAS: A CIRCULAÇÃO LITERÁRIA NO SÉCULO XIX

Qualquer pesquisa detalhada nos periódicos cariocas da segunda metade do século XIX irá revelar que nenhum autor brasileiro esteve tão presente nas folhas diárias quanto Machado de Assis. As páginas noticiosas revelam sua participação em eventos como banquetes, inaugurações e homenagens; ou noticiam, nos anos finais de sua vida, seu estado de saúde com informações sobre os ataques que o acometiam; ou, ainda, aludem aos lançamentos de suas produções. Já os rodapés dos muitos jornais em que Machado colaborou estão repletos de seus romances, contos e peças. Somam-se a essas produções, suas crônicas e traduções que também saíram em diversas folhas públicas do Oitocentos carioca.

Além de colaborar com a parte literária, o autor também contribuía com outras sessões do jornal, elaborava passatempos de xadrez, escrevia notas sobre comportamentos e ainda discursos em homenagens a amigos célebres. Esse vínculo tão significativo de Machado com as folhas públicas possivelmente tenha ocorrido porque ele sabia muito bem da importância do jornal como principal veículo de informação da sociedade, atingindo, graças ao trem de ferro e ao navio a vapor, não apenas outras províncias em território brasileiro, como também em outros países.

O jornal detinha um poder de penetração tão grande que Machado escreveu sobre ele na crônica “O Jornal e o Livro”, publicada nos dias 10 e 12 de janeiro de 1859 no *Correio Mercantil*

o livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma coisa; não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal (ASSIS, 1859, p. 2)

Esse caráter volátil, aliado ao preço baixo das vendas nas ruas e ao interesse incessante pelas novidades, estabelece uma revolução que Machado acentua:

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si, a frescura das idéias e o fogo das convicções. O jornal apareceu, trazendo em si,

o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social. (ASSIS, 1859, p. 2)

Evidentemente que há uma euforia nas palavras de Machado de Assis, mas, decerto, o jornal é um elemento catalisador para facilitar muitas das mudanças ocorridas no século XIX; por isso a metáfora “locomotiva intelectual”, famosa do autor, referindo-se tanto à penetração que o jornal alcançou em diversas regiões do país em uma época de difícil acesso, produzindo a universalização das notícias quanto à importância do suporte como contributo para a instrução da população, ao possibilitar, de certa forma, uma educação informal.

Vale considerar ainda que a locomotiva também estava em voga, na época, com a instalação das estradas de ferro; com isso o caráter público, tanto dos bondes quanto dos jornais, que percorre com agilidade a cidade levando informações aos diversos tipos de leitores. E como as notícias são dinâmicas, em caráter transitório de acordo com as novidades, elas estão em constante passagem, por isso os leitores assemelham-se a passageiros, nessa constante transição. Como consequência, jornal e bonde, frutos do processo de aceleração do mundo moderno, passam a ser considerados por Machado de Assis como os maiores acontecimentos dos últimos anos.

No final desse ano de 1859, precisamente no dia 23 de outubro, sai no jornal *O Espelho* a crônica “A reforma pelo jornal”, em que Machado trata da democratização do periódico:

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amidiada, e o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil: a discussão do jornal reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de fatos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa. (ASSIS, 1859, p. 1)

Se a reforma social profetizada pelo autor não ocorreu na intensidade que ele esperava, não se pode negar o benefício causado pelos jornais aos leitores. O jornal contribuiu para a instrução da população na redução do analfabetismo, assim como na

elevação do nível cultural do país. Era muito comum a leitura coletiva em voz alta de diversas seções dos jornais, o que facilitava o consumo dos leitores. Com isso, o indivíduo leitor que tem acesso às informações impressas não é apenas aquele que decodifica os signos no papel, mas também aquele que as adquire por meio da leitura oral.

A admiração de Machado pelas folhas públicas se dá em virtude de grande parte de sua obra ter saído primeiramente nessas páginas. Cinco de seus romances saíram primeiramente em folhetins e a grande maioria de seus contos também. Muitas dessas narrativas breves, inclusive, não foram recolhidas pelo autor para figurar nas sete coletâneas de contos que ele organizou. E como Machado escrevia utilizando-se de pseudônimos, muitos estudiosos demoraram algum tempo para entrar em consenso quanto à autoria de alguns desses contos.

Provavelmente o primeiro conto do autor, “Três Tesouros Perdidos”, foi escrito em 1858, nas páginas de *A Marmota*, ainda quando Machado de Assis tinha 19 anos. E, ao longo de quase meio século, ele continuou publicando suas narrativas breves, o que lhe rendeu mais de duas centenas de contos.

Comumente os estudiosos, obscurecidos pelo sucesso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881, costumam afirmar que apenas a partir deste romance a produção do autor se consolidou no meio letrista carioca. No entanto, a pesquisa nas fontes primárias revela o quanto as folhas diárias, muito antes da década de 1880, já apresentam Machado consagrado. A imagem abaixo de *A Marmota*, recortada de 21 de fevereiro de 1869, traz, logo depois do frontispício, uma chamada divulgando o nome do autor como colaborador, a fim de atrair assinantes.

N. 1136. TERÇA FEIRA 21 DE FEVEREIRO 1869.

A MARMOTA.

Publica-se às terças e sextas (embora seja dia santo), na Typographia de Paula Brito — praça da Constituição n. 64, onde se assigna a 5000 rs por tres mezes para a côrte; e 4000 rs. para fóra, pagos sempre adiantados. Ns. avulsos, 160 rs.

<p>A MARMOTA.</p> <p>DECLARAÇÃO.</p> <p>Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que o Sr. — Machado de Assis — faz hoje parte da collaboração da Marmota.</p>	<p>Diante das aras da rubra Folia, Cabeça a mais séria não vale um real; Doudice, festança, prazer e alegria, Tudo isto é fortuna que traz — CARNAVAL.</p> <p>—</p> <p>Homem sério e bem formado, Neste dia é contrabando; Respeitado e venerando E' cousa que não se diz:</p>	<p>Esqueça-se tudo, são todos convivas, Os odios se apaguem no abraço commum: Que doce batalha! Que lutas festivas! D'aqui d'este campo não foge nem um!</p> <p>—</p> <p>Todas as bellas amaveis Podem ter parte na festa: Sacerdotisas de Vesta, Accendei os corações!</p>
--	--	---

A Marmota, 21 de fevereiro de 1869. Arquivo da Biblioteca Nacional

Ainda que a nota seja curta, é preciso considerar a posição de destaque que ela ocupa no início da página para se refletir sobre a projeção que o nome de Machado tinha entre os leitores oitocentistas. Vale ainda considerar que em 1869 nenhum romance seu tinha saído nas prensas cariocas, o que permite desmistificar a compreensão de que este gênero fora o responsável pela consagração do autor. É exatamente o contrário. Quando seus romances saíram, seu nome era bastante conhecido pelos leitores cariocas, bem como pelos principais nomes que faziam parte do meio letrista da época.

Não há como negar o estranhamento que a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* causou principalmente ao se considerar os comentários dos leitores colhidos por Hélio de Seixas Guimarães (2004). Obviamente que um leitor sem notoriedade, ao fazer uma obra tão dessemelhante das que se encontravam no mercado, não teria tido atenção, nem dos leitores e nem da crítica, por isso, ao se analisar o que ocorreu com a canonização de Machado, deve-se considerar que não foi o romance que consolidou o autor no cânone brasileiro, mas o nome deste que permitiu a consagração da obra.

DOS CAMINHOS DA CONSAGRAÇÃO À RECEPÇÃO

A consolidação de Machado de Assis como principal figura literária da segunda metade do século XIX não pode ser considerada como resultado apenas da qualidade de sua produção literária; outros elementos do meio letrista oitocentista precisam ser

considerados. Desse modo, a compreensão do sistema literário, introduzido por Candido (1959), se alarga para além do autor, obra e público e passa a incluir personagens fundamentais na consagração de Machado de Assis: os editores e os demais escritores coetâneos a Machado.

O editor, no século XIX, detinha um papel para além de um mero intermediário entre o autor e o público, pois devido a sua proximidade com destacados nomes da sociedade brasileira, os editores constituíam elementos singulares na rede de produção construída entre escritores e editores.

Com essa importância, proliferaram na Cidade da Corte espaços como livrarias, tipografias e editoras, responsáveis pela venda não apenas de livros, mas, na maior parte das vezes, de diversos artigos como charutos, lenços, gravatas, bengalas, chapéus, ou seja, diversos utensílios que interessavam aos bem instruídos homens leitores da época. Todos esses objetos são característicos do requinte sob o qual vivia a sociedade; e o fato de os livros serem dispostos à venda juntamente com esses apetrechos denota o quanto a leitura era um hábito considerado de bom gosto, perfeitamente alinhado com a imagem de progresso que a população da segunda metade do século XIX vivia.

Nos espaços de venda, além de diversos produtos, havia, quase sempre, um ambiente destinado à leitura dos exemplares disponíveis aos frequentadores que, sendo muitos deles funcionários públicos, ao saírem das repartições no fim do expediente, passavam nas livrarias para saber as novidades que circulavam na cidade a respeito dos principais acontecimentos políticos ou culturais.

A relação de Machado com os editores facilitou a publicação de suas obras. Seu vínculo com Paula Brito, ainda como ajudante de tipógrafo, proporcionou ao autor não apenas meios para que seus primeiros textos fossem publicados, como também lhe deu possibilidade de conhecer as figuras mais ilustres do mundo literário.

A Livraria Francisco de Paula Brito começou a funcionar em 1853 e reuniu os maiores nomes do mundo letrada da época, isso porque, como ele havia lançado mais de vinte jornais ao longo de décadas, seu nome era conhecido entre os homens mais ilustres da sociedade carioca, por isso ele se torna importante tanto na publicação de boa parte de nosso cânone quanto em lançar nomes que se tornariam célebres em nossa literatura. Foi nas páginas da *Marmota*, de Paula Brito que saiu, por exemplo, o conto “Três Tesouros Perdidos”, considerado a primeira narrativa breve machadiana.

Quando Paula Brito morreu em 1861, os homens de letras passaram a se reunir na livraria de Baptiste Louis Garnier. A loja era ampla, com livros expostos na vitrine e ficava localizada na tumultuada rua do Ouvidor, palco por onde transitava os principais nomes da época. No entanto, o verdadeiro sucesso do editor francês deve-se a seu primoroso trabalho: antes dele não eram respeitados os prazos de entrega, e as edições, tanto dos jornais quanto dos livros, eram marcadas por muitos erros tipográficos. Nas prensas de Garnier, a materialidade sempre foi a grande estratégia de venda: o esmero para evitar os erros e as edições luxuosas tornaram-se comuns em sua livraria. Além disso, Garnier destacou-se pela legitimidade dos acordos por meio de contratos e recibos, o que garantiu o direito aos escritores brasileiros, por mais que, muitas vezes, esses ajustes não fossem tão favoráveis para os autores, principalmente os iniciantes.

Pelas tintas de Garnier, Machado lançou grande parte de sua produção literária: em 1864, saiu *Crisálidas*, e, posteriormente, *Falenas*, *Contos Fluminenses*, *Ressurreição*, *Histórias da Meia-Noite*, *Americanas*, *Helena*, *Histórias sem Data* e *Quincas Borba*, além de o autor ter escrito 86 narrativas no *Jornal das Famílias*, de propriedade de Garnier. A amizade entre o escritor e o livreiro favoreceu também outros artistas que conseguiram publicar graças à influência de Machado.

Essas relações fizeram do francês o principal livreiro do século XIX, não apenas por ter publicado nas quase cinco décadas em que esteve no Brasil, com cuidado, 665 títulos de autores brasileiros (HALLEWEL, 1985), mas também por ter investido na produção nacional. A relação dele com Machado facilitou o interesse em divulgar a literatura brasileira, visto que o livreiro precisava de escritores prestigiados e o autor, de veículos de divulgação de suas obras.

Com toda essa abertura com os editores, era natural que o autor tivesse bastante facilidade em publicar suas obras, por isso grande parte de sua produção saiu nas folhas diárias. Seus contos, por exemplo, saíram quase todos primeiramente por meio dos jornais e a maior parte deles permaneceu guardada nessas folhas por muito tempo. Isto porque, ao recolher as narrativas curtas para figurar nas antologias, Machado selecionou algumas histórias e a grande maioria não o fez. Com isso, dos mais de 200 contos escritos pelo autor, apenas um terço foi compilado para se eternizar nos livros de contos.

No entanto, muitos autores, ao tecerem suas impressões sobre a obra do autor, desprezaram sua participação, à primeira mão, nos periódicos. Lúcia Miguel Pereira, por

exemplo, ao escrever *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* (1955), assim se posiciona:

Machado custou muito a firmar-se como contista: entre 1860 e 1870, quando já é destro nas crônicas, no conto ainda é fraco e indeciso. Mas, depois de *Papéis Avulsos*, revelou-se um mestre no gênero. Mestre é bem o termo, porque não teve exemplos na sua língua, e nem talvez nas estrangeiras, e até agora não encontrou quem o suplante (PEREIRA, 1955, p. 167)

Assim, a autora desfavorece os escritos antes da década de 1880, como se fossem inferiores, de pouco valor, não considerando as experimentações que figuram nessas histórias iniciais. De fato, nas narrativas breves escritas ainda nas folhas diárias de Garnier, há personagens complexas com enredos voltados para as questões sociais e não apenas jovens apaixonadas vivendo seus dilemas amorosos, como alguns estudiosos muitas vezes se posicionaram em suas análises.

Contrário a este posicionamento, Gledson (1998) afirma que, nos anos em que Machado escreveu no *Jornal das Famílias*, teria aprendido a harmonizar suas histórias com o espaço destinado para elas e aos poucos ele foi produzindo enredos mais complexos ambientados em outros espaços. O crítico inglês valoriza tanto as narrativas curtas que afirma ser bem provável que Machado preferisse os contos aos romances.

Como estes escritos em que as experimentações ocorreram ficaram, por anos, desprezados nas folhas públicas oitocentistas, vários pesquisadores têm se debruçado sobre elas, a fim de descortinar as relações estabelecidas entre o meio editorial oitocentista, bem como a recepção das obras de Machado quando foram primeiramente publicadas.

Alexandra Santos Pinheiro (2007) estudou a rede de produção construída em torno do empreendimento *Jornal das Famílias*, de Garnier, a partir de recibos, contratos e cartas. Essa análise permite um mergulhar nas relações construídas no Oitocentos carioca e a leitura destes documentos revela questões acerca da materialidade e da história da edição dos escritos de Machado.

Jaison Crestani (2009) e Silvia Maria Azevedo (1990) também se dedicaram no estudo do *Jornal das Famílias* com atenção aos contos que figuraram nas duas antologias – *Contos Fluminenses e Histórias da Meia-Noite* – constituídas por narrativas saídas na folha do francês. Entre as muitas atenções desses pesquisadores, Crestani trata da razão de Machado ter priorizado umas histórias em detrimento de outras, e Silvia Azevedo

mostra como o domínio sobre o gênero conto vai aos poucos se solidificando nos escritos do autor. Para a pesquisadora, as primeiras narrativas apresentavam histórias ainda com muitos aspectos de romance; só aos poucos a unidade, comum no gênero, vai sendo melhor apresentada nas histórias de Machado.

Além destes trabalhos que deram atenção ao texto e à produção das obras, Hélio de Seixas Guimarães (2004) privilegiou os leitores. Seu trabalho destina-se a recolher as críticas saídas nos jornais oitocentistas quando os romances foram publicados. Essa crítica no “calor da hora” representa a primeira leitura da sociedade carioca, marcada pelo afã da primeira impressão em um momento em que Machado ainda era vivo e, por isso, nesses escritos pode ser percebida toda a influência do contexto do meio letrista da época.

Se esses estudos possibilitam repensar muitas informações que a fortuna crítica consolidou acerca dos estudos de Machado, eles revelam também pesquisas que encontram nas fontes primárias os meios necessários para reconstruir parte das relações estabelecidas no meio letrista do Oitocentos carioca. Diante disso, a consolidação de Machado no cânone brasileiro passa a ser compreendida como resultado de seus contatos com editores e escritores da época, ampliando o caminho da consagração como algo construído apenas considerando o texto literário. Essa observação coaduna-se perfeitamente com a compreensão de Bourdieu (1992) de que a figura do escritor precisa ser analisada à luz de sua imersão no meio da estrutura da produção cultural formada por escritores, editores e leitores.

POLÊMICAS NAS PÁGINAS DAS FOLHAS DIÁRIAS

Ser entronizado como chefe da literatura brasileira não significa dizer que havia perfeita unanimidade no século XIX quanto ao nome de Machado. É bem certo que, desde a década de 1860, o autor já era respeitado pelos seus pares e que grande parte dos leitores acompanhava seus escritos nas diversas folhas diárias em que ele colaborava. Também não se pode esquecer as diversas notas lançadas nos jornais divulgando comemorações, banquetes e festas em homenagem ao autor pelo lançamento de suas obras.

No entanto, não há apenas textos elogiosos nas páginas dos jornais. Tornar-se um dos principais colaboradores dos periódicos fluminenses, ter várias obras publicadas e ser

considerado, por muitos, como o chefe das letras brasileiras legou ao escritor uma certa quantidade de descontentes, que se opunham à qualidade de suas produções, ao título de mestre, conferido pelos intelectuais cariocas e até mesmo à excelente recepção de seus textos.

A popularidade nas páginas impressas não lhe exime de alguns comentários chistosos saídos em folhas trocistas como *Mephestopheles*, que zombava da gagueira do autor, como se nota nos recortes abaixo:

Ao tratar-se da votação da licença do drama, perguntou o Sr. João Cardozo ao Sr. Machado de Assis.
— Então. V. como vota?
— Eu entendo que o *dadrama* não é immoral, mas que é *caca paz* de provocar *baba rullo* e que a *popo-licia de de do.....*
E aqui engasgou-se o homem de maneira a deixar seu parecer que *pa pa rece tu tu do me me nos parecer.*

O Sr. Machado de Assis encontra-se com um amigo chegado da Europa e perguntou-lhe:
— Então divertiu-se *babastante*, viajou *memuito*?
— E' verdade; viajei um pouco; vi grande parte da Europa. V. é que não tem viajado nada?
— *Tetenho sempre riviado: fui a Varassouras.*
Ahi está uma innocencia que esqueceu ao Sr. Tannay!

D'HARLECHINO.

A acreditar no que nos refere um amigo, o Sr. Machado de Assis está bastante enraivecido contra nós.

Ao encontrar na rua o Sr. . . . , dirigio-se-lhe de *Mephistopheles* na mão e dizendo :

— Viu V, esta pouca vertergonha? Pois o *Me me me me!*

Entalado n'este ponto do seu discurso, o homenzinho não pôde mais continuar e deixou-nos com o seu discurso da mesma maneira como com o seu parecer.

Pôde ser, em todo caso, que d'aqui até sabbado o Sr. Machado já tenha desembuchado e então daremos a continuação do seu *Me me me*

INTRUZO.

As duas primeiras notícias são do n. 68 p. 5 e a terceira do n. 69 p. 7, todas do ano 2, 1874.

Até mesmo periódicos mais prestigiados brincavam com o distúrbio do autor. Em uma nota do *Jornal do Commercio* de 17 de maio de 1888, afirma-se, zombeteiramente, que Machado de Assis começou a ler um poema em 10 cantos e à meia-noite ainda estava no meio do primeiro canto.

Também em 25 de setembro de 1883, o jornal *Corsário* publica, sem assinatura, a curta e ácida crítica contra o autor:

Ora o Machado de Assis!

Quem havia de dizer que o discípulo de Paula Brito desse para escrever Balas de Estalo?

Ele, o Machado, o calemburista autor da Mão e a Luva, dos Contos Fluminenses, da Iaiá Garcia, das Americanas e de outras obras de igual jaez, em prosa e verso, é o Lélío das balas de estalo, produtos do ventre do Araújo, ex-padeiro da rua Sete de Setembro!

O Machado, amante da Ignez Gomes, enamorado da Ismênia dos Santos e de outras atrizes referidas no novo metodo: oficial da agricultura, ex-oficial de gabinete de um ex-ministro, escrever balas de estalo!

Ora, o Machado de Assis!

Sr. Ministro da agricultura, V. Ex. deve demitir o Machado porque este empregado exorbita de sua posição. Este empregado público desmoraliza-o, desmoraliza o governo que V. Ex faz parte, escrevendo balas de estalo.

Taunay, por exemplo, é rico, é deputado, é bonito, é aspirante a ministro, é protegido pelo monarca, de quem o Taunay Senior foi mestre.

Este sim, pode escrever balas de estalo, sem medo; mas o Machado de Assis, oficial da secretaria, é expor-se a muito! (ASSIS, 1883, p. 6)

Claramente trata-se de uma reprimenda por alguma crônica de Machado saída em sua coluna “Balas de Estalo”, da *Gazeta de Notícias*, com a assinatura de Lélío. O tom agressivo percorre todo o texto em que o autor é sempre apequenado, tanto no início quando é lembrada a origem como discípulo de Paula Brito, fato ocorrido cerca de pelo menos vinte anos atrás, quanto no insistente julgamento de inferioridade dado a seu cargo de oficial da Secretaria de Agricultura, um emprego público. A intenção de prejudicar não é velada, pois o crítico pede a demissão de Machado e, mesmo ele já sendo casado, cita as ex-namoradas, todas atrizes, o que também revela a imaturidade da crítica.

Ao tratar dos textos literários, enumera alguns de vários gêneros, inclusive as narrativas de *Contos Fluminenses* e, de certo modo, as aquilata para inferiorizar a veia crítica de Machado de Assis, como se o autor servisse para fazer literatura, mas não para produzir crítica. Na finalização, o crítico esclarece a razão de toda essa hostilidade: Machado não tem proteção, nem berço e nem dinheiro para enfrentar uma desavença que seu texto pudesse provocar.

Mesmo essas críticas detratoras têm valor na medida em que servem para se compreender que critérios eram utilizados no julgamento do texto literário e, ainda, para se descortinar como se construiu o cenário das relações entre os homens de letras do Oitocentos carioca que entronizou a figura de Machado ao principal elemento da literatura da segunda metade do século.

Referências

ASSIS, Machado. A Reforma pelo jornal. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 1859, ano 1, vol. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700037&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=87> Acesso em: 09 de out. 2021.

_____. Chopeneanas. *Corsário*, Rio de Janeiro, 1883, ano III, n. 157. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=363065&pesq=&pagfis=1147> Acesso em: 09 de out. 2021.

_____. Declaração. *A Marmota*, Rio de Janeiro, 1860, edição 01136. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706922&pesq=&pagfis=475> Acesso em: 09 de out. 2021.

_____. Notícias. *Mephestopheles*, Rio de Janeiro, 1874, ano 2, n. 68 e 69. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=714186x&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=473> Acesso em: 09 de out. 2021.

_____. O Jornal e o Livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1859, ano XVI, n. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pesq=&pagfis=15667> Acesso em: 09 de out. 2021.

_____. Telegramas. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1888, ano 66. N. 139. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_07&pasta=ano%20188&pesq=&pagfis=20320 Acesso em: 09 de out. 2021.

AZEVEDO, Silvia Maria. *A Trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro* (Tese de Doutorado). São Paulo: USP, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Edusp, 2009.

GLEDSON, John. Os Contos de Machado de Assis: o Machete e o Violoncelo. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos: uma Antologia/ Machado de Assis (vol. 1)*. Seleção / Introdução e Notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os Leitores de Machado de Assis: o Romance Machadiano e o Público da Literatura no Século 19*. São Paulo: Nankin Editorial Edusp, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A Queiroz, Edusp, 1985.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). São Paulo: José Olympio, 1955.

PINHEIRO, Alexandra. *Para além da amenidade – o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção* (Tese de Doutorado). Assis: UNESP, 2007.

Recebido em: 13/07/2021

Aceito em: 10/08/2021